JOÃO LUIZ SAMPAIO

Música clássica... E um pouco de tudo

,

Música hoje: criar espaços

CURITIBA

Durante o almoço, após o concerto de encerramento da Bienal Música Hoje, foi hora de conversar com os integrantes do entreCompositores. A bienal acontece por meio da conversa entre uma série de instituições da cidade – a orquestra sinfônica, a UFPR, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná, a Fundação Cultural, o Sesc Paço das Artes – e de parceria com entidades como o Instituto Goethe. No conselho artístico, estão nomes-chave da música no Paraná, compositores respeitados em todo o País, como Harry Crowl e Maurício Dottori. Mas são os cinco autores do coletivo – Fernando Riederer, Márcio Steuernagel, Lucas Fruhauf, Luiz Malucelli e Vinicius Gisuti – os responsáveis por erguer o evento. E isso significa tanto discutir repertórios com artistas e escrever peças como gravar os concertos, levar e buscar artistas e convidados ao aeroporto ou dobrar os programas das apresentações. O grupo surgiu em 2002, teve um hiato entre 2006 e 2010. Seus integrantes estudaram em Curitiba e depois seguiram caminhos distintos, foram para Suécia (Malucelli), Áustria (Riederer), Alemanha (Giusti) ou optaram por permanecer no Brasil. Eles explicam o conceito do coletivo: trabalhar em conjunto não na composição das obras, mas na criação de um contexto no qual exista espaço para a individualidade de cada um. Lá atrás, promoviam concertos com uma temática específica e cada um deles escrevia uma peça que com ela se relacionasse. Para Steuernagel, no momento em que você aceita submeter seu processo de criação a um tema que lhe é colocado e que o fará se relacionar com as peças de outros autores, não deixa de lado sua individualidade mas, sim, o seu ego. É daí, complementam Riederer e Giusti, que nasce o espírito de parceria – e a percepção de de que, mais do que brigar com os colegas pelos poucos espaços disponíveis, é preciso se unir e dialogar para criar novos espaços e alternativas. Na Europa, percebe-se a mesma tendência entre os jovens, diz Malucelli. E Giusti lembra que espírito similar guia o Myotis Kollektiv, de Bremen, do qual faz parte; ou o Platypus, que Riederer ajudou a criar em Viena. Daí vem também a proposta inclusiva da programação – e a crença de que, em vez de estabelecer patrulhas estéticas, é preciso sugerir o diáologo.

Música hoje: dois ciclos

CURITIBA

O domingo começou com o concerto de encerramento da Bienal, logo de manhã, no Teatro Guaíra. No palco, a Sinfônica do Paraná, comandada por seu regente assistente, Márcio Steuernagel. O diretor artístico da orquestra é o maestro português Osvaldo Ferreira, que integra o conselho artístico da Bienal ao lado de Harry Crowl e Maurício Dottori. Conversamos no sábado e ele falou bastante sobre como, quando assumiu a orquestra, esperava poder trabalhar mais sistematicamente com a encomenda de novas obras. Há falta de verbas, a temporada é menor do que gostaria, existe um enorme repertório ainda a ser introduzido para o grupo. O que o espanta é a falta de uma política pública, em especial no âmbito federal, que estabeleça diretrizes para a atividade sinfônica – mas essa é uma outra discussão. O fato é que, ao ser procurado pelos criadores da bienal, ainda em 2011, sugeriu a eles a realização de um concurso de composição, do qual a Sinfônica do Paraná poderia participar executando as obras finalistas. Neste ano, foram três: "A Menina Que Virou Chuva", de Valéria Bonafé; "O Diálogo entre Vênus, Azrael e Ogum", de Leonardo Martinelli; e "De Profundis", de Igor Maia (na segunda parte do concerto, foi interpretada "Cartas Celestes 8 – Oré Jacytatá, para violino solo e orquestra", de Almeida Prado, com o violinista Alessandro Borgomanero). Venceu Maia. Aos 25 anos, graduou-se em Haia, na Holanda; há três anos, de volta ao Brasil, fez mestrado na Unicamp; e, nas próximas semanas, embarca para o doutorado no King's College, de Londres. Deve ficar lá três ou quatro anos – e prefere que sejam quatro. Falamos rapidamente após o concerto. "De Profundis" é de 2011, mas passou por extensa revisão nos últimos meses. De certa forma, diz, encerra um ciclo – e, às vésperas da viagem, abre outro.

Música hoje: o poder criativo do intérprete

"Rua Quinze de Novembro", de Peter Ablinger

CURITIBA

Na noite de sábado, da Capela Santa Maria o público segue para o Teatro da Reitoria da UFPR, onde a orquestra jovem da universidade, com a participação dos integrantes do Ensemble Platypus, de Viena, faz um programa inteiramente dedicado a obras criadas nos últimos quatros anos. Na primeira peça, "Ring", de Georg Nussbaumer, a música é feita de toques de celulares – os músicos da orquestra ligam uns para os outros ao longo de um minuto. Em seguida, com "Hommage à Kafka", Fernando Riederer simula o universo absurdo descrito por livros do compositor. Público e orquestra, então, seguem para a rua, para a estreia mundial de "Rua Quinze de Novembro", de Peter Ablinger – o mote aqui é a nossa capacidade de ouvir e reagir aos sons, com os músicos precisando dialogar com os barulhos da cidade. De volta ao interior do teatro, "Eterna III", de Jaime Wolfson, segue na investigação da relação entre percepção, espaço e som, com os músicos caminhando e tocando pela plateia escura. E, para encerrar a noite, "Silence Without Audience", de Nussbaumer – mas agora é o público que liga para os números de celulares dos músicos (projetados em uma tela no fundo do palco) e, a cada vez que o telefone toca, eles precisam mudar a maneira de tocar.

Além das obras em si, dois outros aspectos me chamaram a atenção. O primeiro deles foi a presença do curador e dos diretores da bienal internacional de artes plásticas de Curitiba – e o discurso que reafirma a necessidade de diálogo da criação contemporânea em suas mais diferentes formas. E o segundo foi a reação dos intérpretes. Wolfson, na conversa na manhã de sábado e na rápida explanação que fez ao público antes da apresentação, explicou como foi a semana de ensaios com os jovens músicos da orquestra da UFPR. Disse a eles, logo no primeiro dia: não queria saber se concordavam com os compositores, se consideravam aquilo música. O que pedia era uma oportunidade, comprometimento. "Vamos nos dedicar ao longo da semana a estas obras, respeitar as intenções dos autores, montar o programa com o melhor de nossas capacidades. E, ao fim, sentaremos e vocês me dirão o que acharam, se valeu a pena, se fez sentido, se algo na percepção deles se alterou".

“Eterna III”, de Jaime Wolfson

Os músicos da orquestra jovem da universidade não são estranhos ao universo contemporâneo – seu diretor artístico é o compositor Harry Crowl, seu regente titular é Márcio Steuernagel. Mas aquele era um programa particularmente difícil e atípico: cerca de uma hora de música que, a todo instante, nos faz questionar a própria definição de música. Conversei rapidamente com alguns músicos na saída da apresentação. E a opinião de um deles me pareceu especialmente interessante: aquelas obras ganharam muito sentido não durante os ensaios mas sim ao longo da apresentação. O exemplo maior: a peça de Ablinger, executada na rua. “Você fica perdido no começo, não consegue se ouvir, tudo parece fora do lugar mas, de repente, o público vai ficando mais calmo, vai prestando mais atenção, você começa a ouvir seu colegas, que estão tocando do outro lado da rua, parece que vai para outro mundo.” Esse outro mundo talvez seja o de uma percepção aumentada – e não está nesse aumento do mundo do intérprete um caminho para a conquista de um espaço maior para a nova música? Na hora, me veio à mente a figura de Johannes Haase. O Myotis Kollektiv, do qual faz parte, prega a abertura estética e a improvisação dentro da criação contemporânea – e isso incluiu até uma sessão de jazz em um bar de Curitiba ao longo da semana. Ele me contou, no entanto, que nas semanas anteriores à ida a Curitiba, integrou o naipe de violinos da Kammerphilarmonie de Bremen, que fez no Teatro Municipal e na Sala São Paulo uma inesquecível integral das sinfonias de Beethoven, regidos por Paavo Järvi. A permeabilidade e o diálogo, que estão no cerne da temática oficial da Bienal Música Hoje, pode assumir diversas facetas – não se limita à criação, mas fala também do poder criativo do intérprete.

Música hoje: cadê o reco-reco?

CURITIBA

No final da tarde de sábado, o primeiro concerto: a Camerata Antiqua interpreta, na Capela Santa Maria, obras de Maurício Dottori (ex-professor dos membros do entreCompositores), Márcio Steuernagel, Marcos Balter e João Guilherme Ripper, que rege a apresentação. Antes, porém, os autores conversam com o público. Ripper vê no programa dois eixos. O primeiro é a releitura da música sacra, presente em seu “Magnificat”, na “Missa Brevis”, de Balter, e no “Ressurrexi”, de Steuernagel; o segundo, uma tentativa de recriar imagens por meio da música, tanto no “Noturno de Neon”, de Dottori, como em “From My Window 2”, de Ripper. Cada autor fala um pouco de sua obra, dos caminhos de suas inspirações – e aí entram tanto as memórias de infância de Dottori no Rio como o desejo de Balter de homenagear Padre José Penalva, Almeida Prado e Benjamin Britten, passando pela saudades do Rio experimentada por um Ripper que, em 2011, atuava como professor visitante em Nova Jersey.

Balter , então, coloca aos colegas uma provocação: quão brasileira é sua música? Em outras palavras, o que faz de suas obras brasileiras? Ele é o primeiro a responder. Nos EUA, mesmo longe da visão antiga do nacionalismo folclórico, era sempre cobrado por aqueles que esperavam algo de exótico em sua criação. “Era como se perguntassem: onde está o reco-reco”, brinca. A brasilidade, para ele, vem de outro canto: de um certo “vira-latismo” do compositor brasileiro. “Não termos uma tradição tão longa nos permite ser esteticamente promíscuos.” E isso é bom – o sopro de novidade a que Haase, na conversa da manhã, se referia. Já Dottori identifica uma relação entre um certo contorno melódico que deriva da língua portuguesa e é transferido para a criação musical. Ripper concorda: nunca pensou desta forma na questão mas, se a linguagem estrutura o pensamento, é natural que ela estruture também o pensamento musical. Márcio, o mais novo dos nomes presentes, lembra que já estudou a estrutura da língua élfica criada por Tolkien para “O Senhor dos Anéis”. “É algo tão fascinante que fiquei muito irritado com a trilha dos filmes, que ignorou as possibilidades de se relacionar com uma língua tão fascinante.” Linguagem e pensamento musical – Ripper brinca que poderiam adiar o concerto e gastar pelo menos mais uma hora discutindo o assunto. Não dá mas, antes que a apresentação comece, Márcio conclui: “Talvez o brasileiro em nossa música seja aquilo que transparece apesar de nós mesmos.”

Música hoje: primeiras conversas

Wolfson, Haase e Balter

CURITIBA

Passei o fim de semana em Curitiba, acompanhando a os últimos momentos da segunda edição da Bienal Música Hoje, que começou no dia 19. Em um dia e meio, tive contato com compositores, intérpretes, membros do público. E dá para dizer que algo de especial está acontecendo na cidade por meio dessa iniciativa de um coletivo chamado entreCompositores, formado por cinco jovens autores – Fernando Riederer, Márcio Steuernagel, Lucas Fruhauf, Luiz Malucelli e Vinicius Gisuti – que têm suas trajetórias de alguma forma ligadas à cena musical da cidade. Mais do que isso, e essa percepção extravasa a programação da Bienal: a sensação é de que de fato se instala no cenário uma nova geração de autores brasileiros, que nasce já sob novos paradigmas – e isso se reflete em uma música que os distancia de seus predecessores. Das conversas e concertos, enfim, um bando de ideias foram surgindo, questões foram se colocando. Tudo ainda vai ser processado e virar matéria especial para o “Caderno 2″. Por enquanto, jogo aqui no blog a narrativa de alguns momentos do fim de semana.

O sábado começou logo cedo com uma conversa com três músicos convidados da programação: o compositor carioca Marcos Balter, hoje diretor do departamento de composição do Columbia College, de Chicago; o maestro e compositor mexicano Jaime Wolfson, radicado em Viena; e o violinista Johannes Haase, que integra o grupo Myotis Kollektiv, de Bremen. Balter é o compositor convidado do evento, escreveu uma peça especialmente para a Bienal e deu aulas a quatro jovens compositores – dois brasileiros, uma americana e um irlandês. Ele fala, de cara, da diversidade estilística e de tendências que observou não apenas entre seus alunos mas no contato com outros jovens compositores e músicos. Ele deixou o Brasil em 1996 e sempre evitou fazer da “brasilidade” uma marca. A onipresença do nacionalismo já não existe – seja como opção, seja como algo a se recusar. Jovens compositores não estão mais preocupados com a necessidade de filiação. E daí vem um contexto de rápida transformação, no qual passa a existir uma conversa estética. “As diferenças são expostas de maneira artística interessante e da fricção entre as opções de cada autor é que nasce um diálogo rico”, diz. “Os anos 50 e 60 foram extremamente importantes e perigosos, porque tentaram forçar a noção de que havia apenas uma verdade”, continua. E complementa: “Essa diversidade é histórica, sempre existiu. Quando olhamos para o passado, acabamos separando períodos e, com isso, uniformizando uma diversidade que sempre esteve presente no trabalho de compositores, de todas as épocas.” Haase entra na conversa e sugere que um evento como o a bienal precisa justamente dessa abertura para a diversidade – cabe, afinal, ao público entrar em contato com várias possibilidades de música, identificá-las de maneira pessoal e fazer suas escolhas. “É muito claro para mim que em busca da novidade, da liberdade, a América Latina é o lugar para se estar, pois, ainda que dialogue com a música da Europa e dos Estados Unidos, o cenário aqui ainda é novo o suficiente para conseguir introduzir ideias menos viciadas.”